

## I MOSTRA DE VÍDEOS APINAJÉ COMO PROPOSTA NO ENSINO SUPERIOR

*Mara Pereira da Silva* (UFNT)  
[maramusic.uft@uft.edu.br](mailto:maramusic.uft@uft.edu.br)

### RESUMO

O presente texto se coloca como um relato de experiência e tem como finalidade apresentar aspectos linguísticos, culturais, e identitários presentes na I Mostra de Vídeos Apinajé, intitulada “Conhecendo a comunidade Apinajé” que ocorreu na Aldeia São José na Escola Estadual Indígena Matyk, localizada em Tocantinópolis como proposta de atividade do Curso de Educação do Campo (LEdoC) – Artes e Música. Os procedimentos para a realização desse artigo foram leituras bibliográficas e documentais, e a pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica. Por fim, acredita-se que essa atividade pode contribuir com outros espaços educacionais que trabalham com povos do campo e que desenvolvem a alternância pedagógica.

#### Palavras-chaves:

Apinajé. Linguagem. Educação do Campo.

### ABSTRACT

This text is placed as an experience report and aims to present linguistic, cultural, and identity aspects present at the I Apinajé Video Show, entitled “Knowing the Apinajé Community” that took place at São José village at the Matyk State School, located in Tocantinópolis as a proposal for activity of the field education course (LEDOC) – Arts and Music. The procedures for the realization of this article were bibliographic and documentary readings, and qualitative research with ethnographic approach. Finally, it is believed that this activity can contribute to other educational spaces that work with the people of the countryside and that develop the pedagogical alternation.

#### Keywords:

Apinajé. Language. Field Education.

### 1. Introdução:

A educação é uma prática social, e como prática social e um espaço produtor de linguagem, cultura e revelação de identidades. Como já nos dizia Freire (1996, p. 35) “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. Cada ser humano é educado dentro do ambiente que vive trazendo conhecimentos obtidos a partir da própria experiência e que ao se expressar revela linguagem, cultura e identidades e que são fatores sociais de suas sociedades.

A linguagem é “um fenômeno que dá ao homem a condição de entender os significados do mundo e essas significações devem ser compreendidas tendo em vista a cultura de valores que cada pessoa imprime em seu agrupamento social” (SOUZA; ANTUNES, 2017, p. 1). Tudo aquilo que praticamos no nosso dia a dia são expressos por meio de alguma forma de linguagem.

A linguagem pode ser verbal e não verbal e por meio dela o ser humano pode expressar seus sentimentos, saberes, gostos, e características específicas do seu meio cultural desenvolvendo um diálogo entre pessoas de diferentes partes do mundo. Ao apresentar a importância da linguagem na vida das pessoas, Fiorin (2008, p. 29) diz que “é ela que permite a cooperação entre os seres humanos e a troca de informações e experiências”. Para o autor ela pode ser objeto de estudo de várias disciplinas, pertencendo aos diversos ramos dos saberes. A linguagem é um elo de comunicação e, se divide em dois ramos de conhecimento podendo ser verbal e oral.

A linguagem verbal está relacionada com a comunicação escrita e oral. A escrita é formada por códigos específicos de determinada língua organizados previamente. A oral tem a ver com o processo de fala em que o indivíduo se expressa de acordo com sua realidade e experiências de vida, o que a faz diferenciar de uma pessoa para outra, levando muitas vezes a julgamentos preconceituosos pois o ouvinte não leva em conta o falar peculiar de cada região.

A linguagem não verbal está relacionada com a comunicação simbólica, representada por meio de signos, imagens, sons, desenhos e figuras, tendo como característica a ausência de palavras. Linguagem é diferente de língua, sendo um conceito mais amplo.

A língua é uma das vertentes da linguagem, referindo-se a processos de comunicação por meio da oralidade a qual Souza e Antunes (2017) denominam manifestação acústico-oral, e seus estudos estão relacionados diretamente a cultura. A língua envolve aspectos sonoros e a fala. De acordo com Oliveira (2013, p. 1), “a língua de um povo faz parte da cultura e suas características definem a identidade do mesmo”. Por meio da língua temos noção de que país determinada pessoa possa pertencer. Não é possível, portanto, pensarmos a identidade desvinculada do ser humano, da sua relação com a humanidade (Cf. SILVA, 2014, p. 751). É no interior dessas relações que a identidade se constrói e se reconstrói de forma constante (Cf. CUCHE, 1999). A identidade é construída e reconstruída todos os dias por meio das interações sociais, sendo

modificada, alterada, não instável e “inconsciente” (Cf. CUCHE, 1999). Ao se relacionar com a sociedade o homem estabelece e restabelece a sua identidade, pois a mesma é mutável, sendo assim, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (Cf. HALL, 2006). Entretanto, a cultura de um povo pode mostrar a identidade de uma comunidade.

A cultura de um povo no seu sentido mais amplo revela as identidades da comunidade e que de acordo com Cuche (1999) envolve processos conscientes. Assim, a identidade de uma região encontra-se marcada principalmente pelas tradições culturais em que se inclui a língua e as demais práticas culturais como música, dança, canto, artesanato, pinturas, festas, cerimônias e outras. Nas interações entre o professor e o aluno, é possível construir e reconstruir conhecimentos sem desconsiderar um em detrimento do outro, levando em consideração a experiência de cada um no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, o artigo tem como finalidade apresentar aspectos lingüísticos, culturais, e identitários presentes na I Mostra de Vídeos intitulada “Conhecendo a comunidade Apinajé” que ocorreu na Aldeia São José na Escola Estadual Indígena Matyk, localizada em Tocantinópolis.

O uso do vídeo na educação oferece a oportunidade de se trabalhar com diversas linguagens. Moran (1993, p. 2) ao conceituar o vídeo afirma ser “sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força”. A potencialidade que existe no vídeo pode ser usada para o registro das práticas culturais dos povos indígenas como forma de resgate, documentação e difusão do conhecimento dos povos originários funcionando também como um recurso tecnológico de ensino e aprendizagem para as aulas da universidade como das escolas das aldeias e permite trabalhar por meio dele diversas linguagens.

Os vídeos apresentados na mostra retrataram especificamente dos apinajé, que são povos da família Jê e tronco lingüístico Macro-jê, e vivem ao norte do Tocantins, na região conhecida como Bico do Papagaio. Segundo Da Mata (1978) a aproximação deles com os núcleos urbanos regionais é um fator muito importante na história de vida desses indígenas pois facilitou o processo de comunicação colocando os mesmos como produtores regionais do babaçu.

Oliveira (2013) ao se referir ao tronco lingüístico Macro-jê afirma que “abrange doze famílias e tem uma peculiaridade hipotética, devido

ao seu descobrimento recente e poucas pesquisas relacionadas ao mesmo” (OLIVEIRA, 2013, p. 3). Esse fato apresentado por Oliveira (2013) nos leva a pensar sobre a importância de escrever ainda mais sobre esses povos, em que se inclui os apinajé.

Os procedimentos para a realização desse artigo foram leituras bibliográficas e documentais, e a pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica. De acordo com Flick (2009, p. 59), ao se referir à pesquisa qualitativa, diz que tem a ver com “à produção e a análise de textos, como transcrições de entrevistas ou notas de campo e outros materiais analíticos”. Em se tratando desse trabalho, trata-se da produção e análise dos registros gráficos realizados durante o evento. A abordagem etnográfica para Severino (2007, p. 119) “visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades. (...) mergulho no microssocial, olhando com uma mente de aumento”. Nesse trabalho, o mergulho foi na I Mostra de Vídeos Apinajé. Os instrumentos para a coleta dos dados além dos registros gráficos, serão utilizados os vídeos apresentados pelos alunos que serão descritos. De acordo com Loizos (2017), ao apresentar a função do vídeo, diz estar relacionada ao registro de dados. Para o autor esse registro precisa ser feito “sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto ele se desenrola” (2017, p. 149). O vídeo possibilita ser descrito por um número maior de pessoas e não somente aquela que observou. E para Loizos (2017), “(...) Qualquer ritual religioso, ou um cerimonial ao vivo pode ser candidato” a essa prática de filmagem.

Os vídeos apresentados na mostra foram resultantes da Disciplina Seminário Integrador II que é ofertada aos estudantes do Curso de Educação do Campo – Códigos e Linguagens – Artes e Música da Universidade Federal do Tocantins – UFT, em Tocantinópolis, o que proporcionou a produção de conhecimento a partir da própria realidade, garantindo uma prática educativa relacionada ao contexto dos estudantes.

Hoje, com a nova reconfiguração da universidade, o curso está na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) que agregou os *campi* de Araguaína e Tocantinópolis, denominados atualmente de centros.

O funcionamento da atividade de construção de vídeos por meio da produção audiovisual pode ser visto no artigo “Campo em vídeo: experiências artístico-educativas na produção de audiovisuais no norte do Tocantins, elaborado pelos autores Paula e *et al.* (2017). É mister infor-

mar que um dos encaminhamentos dado aos alunos era que o referido trabalho deveria articular elementos textuais, imagéticos e sonoros, o que podemos deduzir o uso de linguagem verbal e não verbal.

Considerando a necessidade dos povos indígenas em se envolverem na sociedade, é mister se pensar em práticas educativas que considerem a realidade dos mesmos, valorizando seus protagonismos como nos diz Paulo Freire (1996) ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e respeito a autonomia do ser do educando.

Neste sentido, o curso vem tentando manter o diálogo intercultural entre os mesmos e valorizar seus conhecimentos empíricos e desenvolver práticas interdisciplinares. Segundo Nunes e Andrade (2015), a interdisciplinariedade possibilita que a inovação e a dinâmica sejam constantes no âmbito das disciplinas e das metodologias aplicadas, ampliando assim, o processo de aprendizagem” (NUNES; ANDRADE, 2015, p. 516). O trabalho intercultural para Fleuri (2003, p. 17) “pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância ante o “outro”, construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural”.

A perspectiva intercultural quer promover uma educação para o reconhecimento do outro, o diálogo entre os diferentes grupos socioculturais. O curso, funciona de forma regular tendo como proposta de ensino a Alternância Pedagógica que se desencadeia em duas dimensões: o Tempo Universidade (T. U.) e o Tempo Comunidade (T. U.). Falando em formação por Alternância Gimonet (2007) afirma ser o “processo que parte da experiência da vida cotidiana para ir em direção à teoria, aos saberes dos programas acadêmicos, para, em seguida, voltar à experiência, e assim sucessivamente” (GIMONET, 2007, p. 16). Então, é uma proposta que surge com a ideia de valorizar as experiências dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem considerando tanto os conhecimentos acadêmicos como os saberes de suas comunidades.

A Disciplina Seminário Integrador II é ofertada no 2º semestre do curso, juntamente com as disciplinas História da Educação do Campo, Leitura e produção de texto, História da Educação, Teoria e Percepção Musical I, Percepção visual, Sociologia da educação e Filosofia da Educação formando o Bloco - 2, de matérias.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso, consta a ementa da Disciplina Seminário integrador II, que tem como foco ser um “Espaço de diálogo interdisciplinar para discussão das atividades realizadas no

bloco. Assim como preparação do instrumento de pesquisa para o tempo comunidade envolvendo todos os docentes e discentes do bloco” (PPP-UFT-Tocantinópolis, 2016, p. 53).

Então, essa disciplina funciona como um elo entre a universidade e a comunidade, assim também, entre as disciplinas do bloco, sendo que essa ligação é responsabilidade de todos os professores que ministram disciplinas no semestre. Além disso, a disciplina permite “modos de estabelecer relações entre campos, formas e processos de conhecimento que até agora eram mantidos incomunicáveis” (SANTOMÉ, 1998, p. 124). No caso da produção dos vídeos, e da organização da mostra além da autora, houve o envolvimento de outros professores do bloco e alunos do curso. O objetivo do trabalho de produzir um vídeo com duração de 1 (um) minuto foi conhecer um pouco das manifestações culturais da Comunidade dos alunos do curso, no caso dos indígenas, a cultura apinajé.

## **2. A Mostra de Vídeos Apinajé**

A partir da produção desses vídeos, pensou-se na realização da mostra com os vídeos produzidos especificamente pelos estudantes indígenas do curso para exibição em suas aldeias, como uma atividade do Tempo comunidade. É importante enfatizar que essa ideia da mostra de vídeos na aldeia foi discutida em conjunto com os alunos indígenas do curso e acompanhada por eles durante todo o processo, garantindo o protagonismo dos indígenas dentro do processo de ensino e aprendizagem.

O objetivo geral do evento foi propiciar aos alunos da LEdoC suporte para a reflexão da proposta pedagógica da Educação do Campo, considerando a integração entre o conhecimento científico multi- e interdisciplinar e o conhecimento recorrente no espaço do indígena, visando a interculturalidade.

Os objetivos específicos foram: realizar exibição dos vídeos que foram produzidos pelos alunos indígenas do Curso, durante a disciplina Seminário Integrador II; propiciar ao aluno um espaço de discussão sobre atividades realizadas e a construção de instrumento de pesquisa para o tempo comunidade; traçar estratégias acerca dos problemas ligados à educação do campo na comunidade indígena em Tocantinópolis; dialogar com os indígenas sobre os projetos de extensão que seriam realizados no âmbito das aldeias; socializar com o corpo docente/discente e a comunidade experiências vivenciadas e/ou resultados de pesquisas desenvolvidas pelos alunos da etnia apinajé.

Pensou-se então em um momento de trocas interculturais visto ser esse conceito um dos princípios básico de projetos de educação direcionados para as populações indígenas, visando a valorização dos saberes indígenas e ao conhecimento construído de forma universal. Assim, as atividades desenvolvidas na mostra, possibilitaram abarcar os objetivos do curso, possibilitando debates e reflexões sobre o processo formativo dos povos indígenas que frequentam o curso, assim como desenvolver a oralidade.

A língua materna dos apinajé se fez presente durante todo o evento. Esse tipo de língua refere-se à primeira língua que o ser humano aprende e quase sempre está relacionada a um grupo etnolinguístico que a pessoa vive culturalmente.

A abertura da mostra foi realizada por um estudante indígena do curso da Aldeia Serrinha que cumprimentou os presentes com boas-vindas, manifestou a sua alegria em estar participando do evento e apresentou os professores e demais estudantes da LEdoC a comunidade. O interessante desse momento é que sua fala iniciou na língua materna e posteriormente ele traduziu na língua portuguesa, fato que causou estranhamento a alguns não indígenas por não compreenderem o que ele estava falando. Souza e Antunes (2017) afirmam,

Sabe-se que é por meio da língua que o homem expressa as ideias de sua geração, da comunidade, de seu tempo, utiliza-a de acordo com uma tradição que lhe foi transmitida e contribui para sua renovação e constante transformação. (SOUZA; ANTUNES, 2017, p. 10)

Entende-se que o aluno iniciou a fala pela língua materna como forma de legitimar a sua identidade e expressar as ideias construídas na universidade. No entanto, os não indígenas estranharam pelo fato de desconhecerem a língua falada por seus alunos, temos nesse contexto alunos bilíngues e professores não bilíngues. Ao se pronunciar na língua materna os indígenas da etnia apinajé demonstram a vitalidade da sua língua, fato que já não existe em outras etnias no Brasil em que a língua se encontra ameaçada ou já foi dizimada por completo. Por outro lado, o uso da língua portuguesa acaba descaracterizando os elementos específicos da língua apinajé e demonstrando a sua integração na cultura não indígena, fato que já foi apontado por Albuquerque (2008).

Rodrigues (2005) ao apresentar sobre a diversidade linguística no Brasil afirma que são faladas atualmente aproximadamente 180 línguas indígenas e que antes da colonização eram em torno de 1500. Para o autor, essa redução se justifica a partir do processo colonizador e que ainda

continua até os dias de hoje, sem interrupção, mesmo com os movimentos políticos que aconteceram na época, como a “independência política do país no início do século XIX”, a “instauração do regime republicano no final desse mesmo século”, e a “promulgação da “Constituição Cidadã” de 1988” (RODRIGUES, 2005, p. 36).

Segundo Rodrigues (2005) para revitalização das línguas faladas pelos povos indígenas no Brasil para que elas não venham desaparecer e sejam documentadas é preciso uma grande quantidade de pesquisadores que se dediquem de forma continuada, considerando a grande quantidade de línguas ainda existentes. Sabemos que os indígenas são povos de tradição oral, nesse sentido, quando uma pessoa mais velha morre, leva com ele a biblioteca do povo, pois a língua vai junto com ele por isso a necessidade de serem registradas.

Os vídeos construídos pelos estudantes e que foram demonstrados na mostra continham imagens, outras imagens e filmagens, alguns somente filmagens, sendo que todos inseriram escritas e sonoridades em suas produções. De acordo com Loisos, (2017, p. 138): “Fotografias e sequências de vídeo podem também incluir palavras escritas, e muitas vezes o fazem.”. Isso podemos perceber nos vídeos apresentados na mostra pelos estudantes indígenas apinajé sobre algo peculiar de suas realidades, e além de incluir as palavras escritas houve também as sonoridades. Consideramos ser essa prática uma atividade de multiletramentos envolvendo multiculturalidades e a multimodalidades tendo como fundamento o uso das tecnologias e diferentes linguagens envolvendo também a diversidade cultural. Rojo e Moura (2012) afirmam que o conceito de multiletramentos foi criado “para abranger esses dois ‘multi’ – a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade – dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa” (ROJO; MOURA, 2012, p. 13). Para Rojo e Moura (2012):

Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos [...] (ROJO; MOURA, 2012, p. 8)

Na produção dos vídeos apresentados envolveu as novas tecnologias e foi um trabalho que teve como ponto inicial a cultura dos acadêmi-

cos indígenas por envolver aspectos peculiares de suas diversidades culturais e lingüísticas. Esses aspectos, segundo Rodrigues (2001, p. 269), se quisermos definir em uma palavra, só seria etnolingüística que se refere a processos seculares e milenares de dispersão de grupos humanos e de interação de uns com outros e com novos meios ambientes”. Assim onde houver vida humana no planeta existe a interação de pessoas por meio do ambiente, língua e das práticas culturais formando o ecossistema.

Durante a exibição dos vídeos na mostra, cada estudante indígena ou dupla de estudante, falou sobre a experiência em participar dessa prática pedagógica e o porquê escolheu a temática retratada em seu vídeo, na verdade narraram sobre os sentidos que eles atribuíram na construção dos vídeos. Nesse momento, eles se expressaram na língua apinajé e depois faziam a tradução na língua portuguesa. Percebi que nessa hora um dos alunos tinha muita dificuldade em traduzir na língua portuguesa por se mostrar tímido e segundo ele não teve muita convivência com os não índios.

Os vídeos apresentados na mostra abordaram as seguintes temáticas: a pintura extraída a partir do fruto jenipapo, o Ritual em homenagem aos mortos na Aldeia São José (Corrida de Tora), o ritual do corte de cabelo, a medicina da Aldeia São José, a importância das plantas medicinais, o processo de produção da farinha de mandioca na aldeia Pintada, a importância do pé de babaçu para os apinajé e o povo apinajé e o movimento social e indígena. Sendo que nesse último foram apresentados vários movimentos de luta que eles já participaram.

O primeiro vídeo apresentado tratou do fruto jenipapo, considerado nativo, de onde se extrai a tinta que é utilizada na pintura corporal; segundo o vídeo, a tinta é produzida da semente ainda verde e depois colocada por um tempo na vasilha para somente depois ser usada. A tinta é usada em manifestações culturais, cerimônias e luta por direitos. Almeida (2015, p. 182) informa que “a Pintura Corporal é uma prática de letramento e, como tal, deve ser incluída no Currículo Bilíngue e Intercultural”. De acordo com Almeida (2015, p. 84), “as pinturas em negro e vermelho desenham no corpo as formas da natureza, de peixes e cobras. Os adornos em penas rosa, vermelha, azul e branca contam histórias tradicionais”.

Segundo Giralдин (2000), em relação as pinturas dos apinajé, “cada nome, ou mais especificamente a cada conjunto de nomes corresponde uma pintura corporal específica. Para o autor, apesar dos apinajé afirma-

rem isso, na prática não é o que acontece hoje, as pessoas “pintam-se com qualquer pintura, independentemente de portar determinado nome ou não” (GIRALDIN, 2000, p. 145). Apesar que o vídeo se concentrou no fruto jenipapo e não nas pinturas corporais, no entanto deixa-se a abertura para futuras produções que retratem em vídeo aspectos mais específicos das pinturas dos apinajé.

O segundo vídeo tenta apresentar o Ritual dos Mortos na Aldeia São José, que, segundo a autora do vídeo, existe uma homenagem que é escolhida pela família após um ano da morte, no caso da imagem do vídeo foi escolhido a Corrida da Tora Grande, em que aparecem parentes chorando ao redor da tora que simboliza o morto. Posteriormente, a tora é levada ao cemitério, sendo que antes precisa passar pela casa de todos os parentes do morto, e por fim acontece a despedida dos familiares ao morto, que na verdade é simbolizado pela tora. A Corrida da Tora grande é um ritual de homenagem ao morto e, segundo Giralдин (2014), é denominada “A Festa do Párkapê”, sendo considerada uma das principais cerimônias para finalização do luto. O outro ritual que acontece na morte dos apinajé é denominado “Mêkaprí” sendo considerado uma cerimônia para retorno do espírito do doente ao corpo.

Depois foi apresentado o terceiro vídeo que retrata o ritual de corte do cabelo em que os indígenas da aldeia serrinha realizaram para homenagear os familiares de um morto também após um ano da sua morte. E, segundo o vídeo essa homenagem tem como foco não esquecer o falecido. Assim, no dia do ritual o cabelo dos parentes do falecido são cortados. O ritual acontece durante todo o dia entrando pela noite. Durante o ritual os indígenas cantam, dançam e servem comida aos convidados, homenageando o falecido.

O tema a medicina da Aldeia São José e a importância das plantas medicinais abordam a valorização que os apinajé atribuem aos recursos naturais para o bem-estar da saúde. Essas plantas ainda hoje são utilizadas com pouca frequência mas que muitas vezes acabam substituindo os remédios oferecidos pelo posto de saúde. Essa temática foi abordada no quarto vídeo em que aparece um agente de saúde indígena que trabalha na aldeia serrinha falando sobre alguns remédios e seus benefícios. Do mesmo modo que na abertura da mostra, o agente de saúde fala o nome do remédio na língua materna e seu significado na língua portuguesa remetendo ao bilinguismo existente entre o povo apinajé. O bilinguismo é quando um sujeito ou toda a comunidade são falantes de duas ou mais línguas ao mesmo tempo. Ao escrever sobre bilinguismo, Santos (2012,

p. 55) afirma que “essas línguas podem ter sido aprendidas ainda na infância, de forma simultânea – ou quase simultânea – ou em momentos distintos da vida do indivíduo, neste caso, podendo ultrapassar o período da infância”. Em se tratando do povo apinajé, o aprendizado da língua materna ocorre na infância e, posteriormente, o da língua portuguesa, desse modo, são considerados povos bilíngues.

O quinto vídeo tratou sobre o processo de produção da farinha de mandioca na aldeia Pintada, A farinha é um elemento que contribui na alimentação do povo apinajé, sendo uma forma de subsistência e é produzido na roça.

O sexto vídeo apresentou a importância do pé de babaçu para os apinajé. O babaçu é uma matéria prima muito utilizada por eles e que no passado serviu como integração entre índios e não índios. Do babaçu eles utilizam o óleo, a palha para a construção de artesanatos como cestos, abanador e esteira.

O sétimo vídeo explicitou o povo apinajé e o movimento social indígena apresentando algumas ações que foram significativas para eles como: a manifestação contra a Proposta de Ementa a Constituição – PEC 2015/2000 no assentamento vitória em Colinas-TO e na Belém-Brasília, em que contou com a participação dos povos apinajé, krahô e xerente. Essa PEC, trata-se de incluir nas competências exclusivas do Congresso Nacional as decisões sobre aprovar, demarcar e ratificar as terras indígenas que naquele momento eram competências da União Federal e com sua aprovação os artigos 49 e 231 da Constituição Federal – C. F. de 1988, sofrem modificações que excluem os direitos dos povos tradicionais.

Além do direito à terra, os povos indígenas têm o direito ao meio ambiente equilibrado que como consequência auxilia na preservação da saúde. Nesse sentido, outra mobilização apresentada no vídeo foi uma reunião que ocorreu na aldeia Patizal para discutirem sobre desmatamento do entorno da terra apinajé que culminaram em audiências públicas no ministério público. A plantação de eucaliptos é outro entrave para o povo apinajé, que também é retratada no vídeo, as fazendas da região costumam cultivar essa prática o que acaba causando sérios danos ambientais. No entanto, a C. F de 88 em seu artigo 225 garante:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Nesse sentido, os apinajé têm cumprido o seu papel como cidadão ao defender e preservar o meio ambiente para as suas futuras gerações, sendo que em alguns momentos acaba fugindo do controle dos mesmos pelas atitudes irresponsáveis de pessoas. Ações dos brigadistas apinajé contra os incêndios nas terras indígenas também foi uma das temáticas apresentadas. Os brigadistas trabalham em parceria com o Programa de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais – PREVFOGO e têm, como finalidade, atuar na preservação ambiental nas terras indígenas, em que se inclui a conscientização das pessoas quanto a realização de queimadas adequadas. O PREVFOGO trabalha em parceria com a Fundação Nacional do Índio – FUNAI e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente – IBAMA sendo formado tanto por indígenas como não indígenas atuando na prevenção e combate de incêndios florestais.

Outro ponto presente no sétimo vídeo foi o Bloqueio da Rodovia TO 210 reivindicando manutenção de estradas. Em vista as aldeias tenho percebido as dificuldades de locomoção que os alunos enfrentam para chegar até a universidade, principalmente no período do inverno que a situação se torna ainda mais complexa. Essas dificuldades com a estrada também já foram relatadas pelos próprios estudantes na sala de aula que muitas vezes influenciam no atraso e até mesmo a ausência as aulas. Alguns desses alunos moram até 70 km longe da universidade.

Outra manifestação dos povos indígenas do Tocantins presente no vídeo foi a luta por educação e garantia dos territórios. A luta por territórios é uma demanda antiga dos apinajé ainda hoje tem suas terras invadidas por fazendeiros da região que extraem a madeira de forma ilegal. Mesmo com a demarcação das suas terras, os invasores não deixam de explorar.

A presença das lideranças indígenas em Brasília mobilizados pela saúde também são algumas das causas dos movimentos indígenas que o vídeo retrata. E por fim a participação dos apinajé na III Romaria do Padre Josimo que foi um dos grandes lutadores nas causas dos povos do campo. Na apresentação dos vídeos os estudantes puderam expressar a cultura em que eles vivem, apresentando algo peculiar de seus cotidianos e que de certa forma revelam suas identidades por meio da língua e das práticas culturais.

Além dos vídeos sobre a cultura foi exibido um vídeo que conta as experiências dos alunos indígenas no Programa Institucional de Monitoria Indígena (PIMI) em Alternância pedagógica, aproveitando o momento para apresentação do referido programa a comunidade. Esse vídeo

foi elaborado pelas bolsistas do PIMI vinculado ao Curso de Educação do Campo – Artes e Música que foram orientadas pela professora orientadora Mara Pereira. A pergunta geradora para geração de dados foi: Conte-me sobre suas experiências com o PIMI? Por meio desse questionamento os estudantes indígenas puderam se expressar sobre o que vivenciaram no Programa. É mister informar que nas narrativas dos estudantes surgiram dados que não estavam previstos mas que foram mantidos para dar sustentação ao enredo. Assim eles falaram sobre o PIMI, suas dificuldades na universidade e no deslocamento até a mesma. Além disso, contaram sobre seus sonhos e projetos de futuro.

Os apinajé, em contato com os não indígenas, acabam realizando troca linguística entre os falantes da língua portuguesa. Sobre esse assunto da troca linguística os autores Souza e Antunes (2017) afirmam:

É sabido que de acordo com o grau de contato do falante com outros membros da comunidade, maior será a troca linguística entre os falantes de uma língua. Isso gera uma tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos membros de uma mesma comunidade fazendo com que o fator geográfico seja considerado no processo sociolingüístico de análise. (SOUZA; ANTUNES, 2017, p. 3-4)

Essa troca linguística podemos perceber durante a narrativa de uma idosa da aldeia na I Mostra de Vídeo Apinajé em que ela começa falando na língua materna apinajé e, durante seu discurso, insere palavras da língua portuguesa, dando a entender que o fator geográfico, a sua convivência com não índios, as relações sociais preestabelecidas permitem acontecer a troca linguística.

Souza e Antunes (2017) apresentam que “os nativos de determinado setor geográfico convergem sempre para um centro cultural, político e econômico que funciona como um polo” em se tratando dos apinajé, povos tradicionais, tenderam se dirigir para a cidade de Tocantinópolis com o objetivo de comercializar seus produtos de babaçu, abacaba e artesanato. Além disso, com a chegada da universidade, os indígenas sentem a necessidade de estudar e tem se deslocado das aldeias para a cidade com a finalidade de cursarem o ensino superior, visto que a instituição passou a ser um ambiente cultural e político para os mesmos, ocasionando uma estreita relação dos moradores de Tocantinópolis com os apinajé.

Dentro da programação da mostra de vídeos, ocorreu também a apresentação a comunidade de alguns projetos de extensão demandados pelos estudantes como: Projeto de apoio as populações indígenas e o projeto de extensão “Violão Apinajé”. No contato com a sociedade tomam

aquilo que de acordo com sua própria cultura poderia ser resignificado e incorporado aos seus valores culturais.

Aconteceram também apresentações musicais tanto por indígenas como por não indígenas oportunizando aos não indígenas conhecerem a cultura indígena.

No caso da comunidade indígena, tiveram a oportunidade de conhecerem alguns instrumentos musicais do não índio como o violão e a flauta doce, como também a mistura desses instrumentos com o maracá, que é instrumento identitário dos apinajé.

As danças e cantos dos Apinajé foram direcionadas pelo cantor Apinajé conhecido como Zé Cabelo, acompanhado pelos estudantes indígenas do curso em estudo, das monitoras do PIMI, professores do curso e a população indígena que se fez presente entre homens, mulheres e crianças. As manifestações culturais desenvolvidas pelo grupo revelam e registram valores desenvolvidos pelo grupo, tornando-se um padrão de identificação dos demais. As apresentações musicais dos não indígenas foram conduzidas por alguns professores de música da LEdoC.

### **3. Considerações finais:**

Podemos dizer que a II Mostra de Vídeos está condicionada com os princípios da pluralidade cultural e diversidade linguística por envolver a cultura do educando, a sua língua materna e a segunda língua, além disso contou com diferentes linguagens verbal e não verbal o que remete a uma prática de multiletramentos.

Acreditamos que essa atividade Mostra de vídeos Apinajé no tempo comunidade adquiriu um caráter interdisciplinar por envolver professores de diferentes disciplinas, além de ser bilíngue e intercultural, pois diante do que foi apresentado foi possível o uso da língua materna e da língua portuguesa no desenvolvimento das atividades e valorização das diversidades, contemplando as culturas locais. Além disso foi valorizado tanto os saberes da cultura apinajé como da sociedade nacional por meio do diálogo.

Portanto acredita-se que essa prática educacional poderá contribuir em outros espaços de educação superior que tenham como proposta de ensino a alternância pedagógica e que trabalhem com os povos indígenas valorizando suas experiências advindas do cotidiano das aldeias, garantindo a voz dos sujeitos no processo de ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Aspectos do Processo de Educação Escolar Bilíngüe dos Apinayé. *Cadernos de Educação Escolar Indígena – PROESI*, v. 6, n. 1. Organizadores Elias Januário e Fernando Selleri Silva. Barra do Bugres: UNEMAT, 2008.

ALMEIDA, Severina Alves de. *De etnossociolinguística e letramentos: contribuições para um currículo bilíngüe e intercultural indígena apinajé*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, 2015.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 01 julho de 2019.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e interdisciplinaridade. *Revista Alea*, v. 10 n. 1, p. 29-53, janeiro-junho 2008.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e Educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, Maio/Jun/Jul/Ago 2003.

FLICK, Uwe. *Introdução a pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Vozes, 1996.

GIMONET, Jean-Claude. *Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs*. Petrópolis-RJ: Vozes, Paris: AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos Familiares e de Formação Rural, 2007.

GIRALDIN, Odair. *AXPÊN PYRÀK: História, Cosmologia, Onomástica e Amizade Formal Apinaje*. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 137-55

MORAN, José Manuel. *Leituras dos meios de comunicação*. São Paulo: Pancast, 1993.

OLIVEIRA, Mileide Terres de. Etnolinguística: semelhanças e diferenças tupi e macro-jê. *Revista Científica da Ajes*, v. 4, n. 8, 2013.

PAULA, Leon; BONILLA, Marcus Facchin; SILVA, Cícero. *Campo em vídeo: experiências artístico-educativas na produção de audiovisuais no norte do Tocantins*. Educação do campo, artes e formação docente / Cícero da Silva, Cássia Ferreira Miranda, Helena Quirino Porto Aires, Ubiratan Francisco de Oliveira (Orgs). Palmas-TO: EDUFT, 2016.

RODRIGUES, A. D. Biodiversidade e diversidade etnolingüística na Amazônia. In: SIMÕES, M. do S. (Org.). *Cultura e biodiversidade entre o rio e a floresta*, 1. ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001. v. 1, p. 269-78. Disponível em: [http://www.amazoe.org.br/textoreferencia/biodiversidade\\_e\\_diversidade\\_etnolingustica.pdf](http://www.amazoe.org.br/textoreferencia/biodiversidade_e_diversidade_etnolingustica.pdf). Acesso em: 02/07/2019.

RODRIGUES, Dall'Igna Rodrigues. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Revista Cienc. Cult.*, v. 57, n. 2, São Paulo, Apr./June 2005.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, Alessandra de Souza. *Multilinguismo em Bonfim/RR: o ensino de Língua Portuguesa no contexto da diversidade linguística*. Tese (Doutorado) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília – UnB, 2012.

SANTOMÉ, J. Torres. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Mara Pereira. Constituindo a identidade musical indígena no curso em agroecologia dos povos indígenas do Sudeste paraense. In: V SITRE. *Anais...*, p. 744-53, 2014.

SOUZA, Geralda Fátima de; ANTUNES, Paulo Roberto. Etnolinguística: uma breve incursão. *Àgora – A Revista científica da FASAR*, n. 1, Junho, 2017.